



Projeto de Pesquisa

RELAÇÕES ENTRE ÉTICA, DISCURSO E MÍDIAS: PESQUISAS SOB PERSPECTIVA DIALÓGICA

Instituto: ILA

Ações envolvidas: pesquisa e extensão

Coordenadora: Profa. Dra. Kelli Machado da Rosa

Dt. previsão início: 22/03/2021

Dt. previsão fim 31/12/2026

PALAVRAS-CHAVE: Ética; Discurso; Mídias; Análise dialógica.

RESUMO Este projeto pretende desenvolver e aprofundar a discussão sobre as relações entre ética, discurso e mídias, em enunciados materializados em diferentes semioses, atentando para a construção de sentidos através dos aspectos linguístico-discursivos, sociais, valorativos e interacionais. Por meio da leitura das obras de Bakhtin e o Círculo, buscamos compreender o funcionamento dos discursos das diferentes mídias, analisando as ações ativas e responsivas nas relações culturais dos sujeitos, na contemporaneidade. Assim, procuramos, através das ações deste projeto, avançar e aprofundar a pesquisa em torno de metodologias de análise dialógica para o discurso das mídias, incluindo-se as demais esferas da atividade humana que possuem direto engendramento no campo midiático, como as esferas literária, jurídica, religiosa, pedagógica etc. Desse modo, nossa ação de pesquisa que pretende abarcar a graduação e pós-graduação, promove a formação inicial e continuada de graduandos em Letras como jovens pesquisadores e como futuros professores de língua portuguesa. Nesse sentido, destacamos que o estudo da produção de sentidos que circulam socialmente possibilita a compreensão da sociedade em que vivemos e, possibilita também a formação de sujeitos críticos, a partir de um olhar ético e reflexivo para os fenômenos discursivos.

JUSTIFICATIVA

A centralidade dos estudos desenvolvidos neste projeto pesquisa é a formação humana social e crítica dos estudantes envolvidos nos processos investigativos empreendidos. A compreensão dos sentidos, dos embates sociais reverberados nos discursos, principalmente das mídias, nos coloca sempre o desafio de como responder às múltiplas demandas exigidas pela sociedade em relação à universidade pública em nosso país.

Por isso, este projeto se justifica na medida em que causa impactos positivos em pelo menos três dimensões: i) avanço e aprofundamento na pesquisa em torno de metodologias de análise dialógica voltadas para diferentes discursos; ii) formação inicial e continuada de graduandos e pós-graduandos em Letras como jovens pesquisadores e como professores de línguas; iii) estudo da produção de sentidos que circulam socialmente, compreendendo a sociedade em que vivemos e formando sujeitos críticos, a partir de uma olhar reflexivo para os fenômenos discursivos e suas implicações éticas.

No que tange ao aprofundamento teórico e desenvolvimento de metodologias de análise, este projeto promove a integração entre teoria e práticas de análise, elaborando modos de fazer analítico que englobem a linguagem, seu uso e o contexto social mais ou menos amplo. Ademais, o aprofundamento dos estudos bakhtinianos permite o desenvolvimento de produção intelectual, estimulando a socialização do saber em eventos da área, verticalizando o conhecimento teórico, a fim de criar bases metodológicas para o estudo linguístico-discursivo em diferentes textos midiáticos.

Quanto à formação inicial e continuada dos alunos-pesquisadores envolvidos no projeto, destaco o desenvolvimento da capacidade de professores de línguas de trabalhar com diferentes textos, contribuindo para a formação de profissionais competentes para atuar no mercado de trabalho. Desse modo, promover o multiletramento do aluno para as práticas discursivas midiáticas é (ou deveria ser) o compromisso da escola e da universidade, desenvolvendo nos sujeitos o pensamento crítico e reflexivo acerca das diversas ações sociais veiculadas (avaliadas) pela mídia. Trabalhar com discursos midiáticos na sala de aula de língua materna, em diferentes níveis da Educação, numa perspectiva dialógica da linguagem, permite que o sujeito apreenda os sentidos dos discursos para além do texto verbal e compreenda o percurso da construção de sentidos dentro de uma cadeia de relações dialógicas.

No que se refere ao impacto desta pesquisa no campo do estudo dos fenômenos sociais linguageiros, saliento que trabalhar as relações entre ética, discurso e mídias, sob perspectiva dialógica, promove a compreensão de diferentes dimensões da linguagem (verbal, visual, sonora, vocal), viabilizando o estudo da produção de sentidos que circulam nas distintas esferas em jogo. O estudo dialógico dos sentidos produzidos nos discursos midiáticos, coadunado a outras esferas, permite a compreensão de valores em tensionamento, colocados no âmbito das relações ideológicas, e essa compreensão facilita a reelaboração contínua de ideias e avaliações sociais que se propagam vertiginosamente na esfera midiática englobante, a qual interpela a todo o instante uma grande massa de sujeitos.

Pensando na complexidade dessas relações entre sujeitos e seus discursos e entre sujeitos, seus discursos e o mundo, procuramos, no escopo das investigações abarcadas por este projeto, desenvolver reflexões acerca de diferentes posições axiológicas envolvendo temas sociais urgentes, aprofundando as relações entre ética, discurso e mídias.

Assim, nas minhas pesquisas mais recentes acerca de discursos midiáticos, tenho me dedicado a compreender o funcionamento desse embate e ampliar a discussão teórica desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin, aplicando a noção de polêmica entre vozes, em metodologias de análise, que capturem o diálogo tenso com a palavra do outro, em variados discursos (RIBEIRO, 2017; 2018; 2019). Nessa esteira, acredito que os conhecimentos gerados nessas investigações poderão ser verticalizados, contribuindo para novos olhares sobre os objetos que serão acolhidos no âmbito da graduação e da pós-graduação.

OBJETIVOS

Objetivo geral:

Estudar as obras de Bakhtin e Círculo, buscando prospectar, com esse estudo, as relações entre ética e discurso.

Objetivos específicos:

Construir metodologias de análise dialógica que ancoram o aprofundamento teórico das relações entre ética, discurso e as diferentes mídias.

Analisar, sob perspectiva dialógica, em diferentes enunciados, as relações entre ética, discurso e mídias, verificando a relevância da articulação teórica entre esses três eixos na iluminação de sentidos outros às análises.

Divulgar os resultados das pesquisas desenvolvidas no âmbito da graduação e da pós-graduação, a fim de compartilhar, em diferentes instâncias, os conhecimentos gerados na esfera acadêmica.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os fundamentos teóricos deste projeto se ancoram no conjunto da obra do Círculo, composto por pensadores russos, cujos principais integrantes da área da linguagem foram Bakhtin, o líder, Volochinov e Medviédev. Os estudos do Círculo, assumidos por nós como um conjunto de discussões realizadas por um grupo de intelectuais, deixaram um legado de conhecimento sobre filosofia e linguagem que, sem dúvida, marcaram as Ciências Humanas durante o século XX.

Tais estudos, atualmente, continuam a contribuir com a ciência, originando muitas pesquisas na área da Linguística, Literatura, Educação, Psicologia, entre outras, no século XXI. Na Apresentação da obra *O método formal nos estudos literários*, Brait (2012, p. 10), explica que o conjunto do que hoje se conhece como o pensamento bakhtiniano motivou o surgimento “de uma análise/teoria dialógica do discurso, perspectiva cujas influências e consequências são visíveis nos estudos linguísticos e literários” e se estendem para as diversas áreas das Ciências Humanas.

Podemos, então, nesse sentido pontuar alguns alicerces que fundamentam o pensamento proposto nas obras do Círculo e que são, de certa forma, questões de suma importância para as pesquisas que envolvem o sujeito, sua linguagem e a sociedade. A primeira questão apontada e talvez nos arrisquemos a afirmar que é o elemento-base de todos os conceitos bakhtinianos é a visão dialógica da vida. Deslocando sua visão para uma

abordagem em que o diálogo inconcluso e a relação com o outro é o centro das reflexões, Bakhtin e seu Círculo resgatam uma visão de sujeito que se constitui face ao outro, ou seja, um sujeito que não se apresenta nem como reflexo de seu social somente, nem como assujeitado e muito menos como origem absoluta da sua expressão. O sujeito entendido nos escritos do Círculo é um sujeito que vive em permanente encontro dialógico, nasce, vive e morre na tensão das relações intersubjetivas.

O segundo ponto alicerce desse pensamento ainda se refere ao sujeito e ao seu dizer e fazer. Perpassa todos os conceitos da obra do Círculo a ideia de responsabilidade, de não-álibi do ser, de unicidade do ser-evento. Isso significa dizer que todos os atos humanos são, necessariamente, constituídos de um comprometimento ideológico, valorativo e único, no sentido de que cada um ocupa um lugar no mundo, convivendo com outros “únicos” e com suas posições avaliativas. No entanto, a singularidade do ser, sua posição única diante da vida e sua característica de ser insubstituível no mundo convivem em relação dialógica com o outro e com suas iguais unicidades, não no sentido de um conjunto de únicos, mas no sentido de um tecido social, no qual as unicidades e singularidades constituem uns aos outros em constante tensão. Aliás, a tensão entre “eu/outro” é uma constante nas obras do Círculo, não só do ponto de vista filosófico no que tange ao sujeito, mas também do ponto de vista da linguagem, dos modos como o discurso do locutor encontra o discurso alheio e suas atitudes expressivas diante desse discurso outro, alheio.

Por fim, a terceira questão destacada como alicerce e que se origina de certa forma das duas anteriores é a tensão dialética entre o que é repetível e o que é irrepetível, entre o singular e o coletivo, entre o dado e o novo. Bakhtin e o Círculo não polarizam essas questões nem descartam a existência de algo com relativa estabilidade. Assim o fazem com os conceitos de gêneros do discurso, enunciado e oração, signo ideológico e sinal, tema e significação, palavra minha, palavra alheia e palavra da língua, relações lógicas e dialógicas, entre outros. Tais reflexões do Círculo revelam a maneira única de tratamento da linguagem postulada pelos pensadores, a qual se dá sempre levando-se em consideração a vida na linguagem, bem como todos os aspectos que envolvem o singular e a coletividade em relação.

Nesse sentido, quando pensamos nesses aspectos que se engendram entre o singular e a coletividades no que tange à formação dos sujeitos, não podemos escapar da reflexão

sobre ato ético postulada principalmente em *Para uma filosofia do ato responsável*. Assim, compreendemos que ética, no escopo da teoria em foco, é um princípio que baliza as relações do sujeito e o mundo, implicando total responsabilidade do agir humano nessas relações. Na referida obra, o filósofo russo diz que a minha comprovada participação no existir é não somente passiva (o prazer da existência), mas sobretudo ativa (o dever de ocupar efetivamente o meu lugar único).

Assim, a expressão do ato a partir do interior e a expressão do existir evento único no qual se dá o ato exigem a inteira plenitude da palavra: isto é, tanto o seu aspecto de conteúdo-sentido (a palavra-conceito), quanto o emotivo-volitivo (a entonação da palavra), na sua unidade. E em todos esses momentos a palavra plena e única pode ser responsabilmente significativa: pode ser a verdade (*pravda*), e não somente qualquer coisa de subjetivo e fortuito (BAKHTIN, 2010, p. 84).

Desse modo, podemos afirmar que o ato é o lugar no qual se engendram todos os domínios da atividade humana, posto que fora desse ato não há realidade objetiva. Assim, somente na totalidade do ato, na sua arquitetônica, o sujeito tem a plena participação no existir-evento, respondendo ativamente aos outros. A totalidade desse ato é o componente real, vivo e, ao se incorporar no conteúdo-sentido, materializa os diferentes domínios da atividade em sociedade. Essa materialização instaura o componente da responsabilidade no agir e coloca o sujeito inseparável do conteúdo vivencial e histórico. Conforme Bakhtin (2010, p. 44), “cada um de meus pensamentos, com o seu conteúdo, é um ato singular responsável meu; é um dos meus atos que se compõe a minha vida singular inteira como agir ininterrupto.” Nesse sentido, a vida como um todo integral pode ser considerada “uma espécie de ato complexo: eu ajo com toda a minha vida, e cada ato singular e cada experiência que vivo são um momento do meu viver-agir” (BAKHTIN, 2010, p. 44).

Por isso, ao colocarmos as esferas da atividade humana como objetos em nossas pesquisas na área dos estudos do discurso, precisamos refletir na complexidade do objeto e do olhar sobre esse objeto que faz parte da arquitetônica de um ato ético. Bakhtin (2010, p. 66) afirma que “compreender um objeto significa compreender meu dever em relação a ele (a orientação que preciso assumir em relação a ele), compreendê-lo em relação a mim na singularidade do existir-evento”, pressupondo a minha participação responsável nesse movimento do agir ético. Por isso, Bakhtin (2010, p. 84) destaca que “um evento pode

ser descrito somente de modo participante” e a atitude em relação a esse objeto é sempre de experimentação viva e concreta.

Pensando nessas questões, levantamos dois pontos que envolvem a singularidade do nosso objeto de pesquisa, a saber os discursos midiáticos. Primeiramente, destacamos as especificidades da mídia como esfera englobante de outras esferas da atividade humana, o que amplia nosso escopo de atuação como analistas nesse campo. Em segundo lugar, frisamos as relações dessa esfera da atividade com a constituição da palavra-ato na arquitetura do discurso, evidenciando-se aspectos linguísticos, discursivos, valorativos e contextuais que constituirão a análise empreendida.

Outrossim, é necessário fazer breve explanação sobre a constituição da esfera midiática como esfera englobante de outras esferas da atividade, bem como suas relações com a palavra e com o discurso. Dessa maneira, é importante sublinhar que uma esfera não seria um lugar físico, um ambiente empírico em si, visto que sua complexidade transcende as barreiras físicas dos lugares nos quais se praticam atividades na sociedade. Nessa esteira, acreditamos que uma esfera discursiva se constitui como lugar de produção, circulação e recepção de discursos, de ações tipificadas de linguagem, de modos de organização dos gêneros do discurso.

Assim, uma esfera revela dimensões valorativas de organização das práticas sociais, cujo foco balizador é o conteúdo temático envolvido. Uma aula, por exemplo, pode ser ministrada num ambiente físico totalmente diferente da escola ou da universidade. Grillo (2012, p. 147) afirma que esfera discursiva “é um espaço de refração que condiciona a relação enunciado/objeto do sentido, enunciado/enunciado, enunciado/coenunciadores”. A autora explica esse conceito, a partir da teoria bakhtiniana e acrescenta que “as esferas dão conta da realidade plural da atividade humana ao mesmo tempo que se assentam sobre o terreno comum da linguagem verbal humana”. Essa pluralidade é condicionada e atrelada aos enunciados concretos e vivos que se constituem a partir de gêneros do discurso.

Desse modo, colocamos a discussão acerca da noção de esfera discursiva no terreno da interação verbal, possibilitada pelo universo semiótico oriundo das múltiplas práticas sociais e ideológicas. Volochinov (2017) ressalta que cada campo da criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira, visto que cada campo/esfera dispõe de uma função peculiar no conjunto

do corpo social. Assim, “essa cadeia da criação e da compreensão ideológica, que vai de um signo a outro e depois para um novo signo, é única e ininterrupta” (VOLOCHINOV, 2017, p. 95).

Concordamos com Grillo (2012, p. 144) que “a onipresença social da palavra, ou seja, a sua influência em todos os campos ideológicos (ciência, religião, literatura, etc.) confere-lhe o estatuto privilegiado para o estudo da organização dos diversos campos”. A palavra é o ponto de partida da constituição das esferas discursivas e a mútua influência é ininterrupta.

A palavra, nessa direção, é tomada por Volochinov (2017, p. 99) como “um *medium* mais apurado e sensível da comunicação social”, sendo o lugar de encontro do *eu* e do *outro*. Assim, a palavra possibilita o encontro dos sujeitos e a expressão de valores sociais que perpassam a história de uma comunidade. Desse modo, a palavra é assentada no solo da alteridade e está mergulhada no mar de relações dialógicas, sendo que tais relações é que lhe definem e que lhe dão vida.

É importante salientar que, no escopo da teoria dialógica, há vários sentidos para o termo “palavra”, ou seja, pode ser tanto aparato técnico, no plano da língua, contendo significação, quanto enunciado e signo ideológico no plano do uso da língua, contendo sentidos. Nosso interesse reside, portanto, na palavra como signo ideológico, que no campo das enunciações, reflete e refrata diferentes sentidos, valores, posicionamentos, nas variadas situações de interação que constituem as esferas discursivas.

As palavras como signos ideológicos só adquirem sentido no contexto em que se tenha uma apreciação social de valoração. A valoração acontece em duas dimensões intrinsecamente vinculadas: a valoração individual e as valorações sociais. A valoração individual de locutores e interlocutores está encadeada com as valorações sociais circundantes. Isso acontece, porque a palavra é parte de uma realidade social. Conforme explica Medviédev (2012, p. 185), é a “entonação expressiva que dá cor à palavra do enunciado”, refletindo sua singularidade sócio-histórica.

A avaliação social é parte essencial do processo de refração de sentidos no signo ideológico. Medviédev (2012, p. 190) afirma que a entonação “leva-nos além dos limites do enunciado para outra realidade”, ou seja, “a palavra é apenas um apêndice de outra presença”. Isto significa dizer que as palavras estão necessariamente ligadas aos diversos

campos sociais e aos julgamentos de valor como se fossem apêndices dessas realidades sociais.

Nessa perspectiva do construto bakhtiniano, os enunciados vivos e concretos refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem”, mas também por sua construção composicional. Segundo o pensador russo, todos esses elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – “estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003, p. 261).

Medviédev (2012, p. 200) nos diz que a “realidade do gênero é a realidade social de sua realização no processo de comunicação social”, funcionando como um “conjunto de meios de orientação coletiva na realidade”. Essa orientação faz com que os sujeitos compreendam novos aspectos da realidade que os rodeia. Essa orientação social do gênero se estabelece em via de mão dupla, conforme pontua Medviédev (2012). O autor esclarece que os gêneros se orientam tanto para os interlocutores, quanto para a vida, “por meio do seu conteúdo temático”. É possível entender que os gêneros discursivos se orientam sempre em relação dialógica com os acontecimentos dos sujeitos em sociedade e o seu conteúdo temático deixa entrever muitas dessas relações (MEDVIÉDEV, 2012, p. 195).

Tendo em vista essa orientação nas esferas sociais de comunicação, os gêneros do discurso se constituem de três elementos dinâmicos: forma composicional, estilo e conteúdo temático, isto é, os gêneros possuem uma estrutura recorrente que tem relativa estabilidade em função da individualização que o locutor lhe atribui a cada nova interação verbal. Por ser ligado intrinsecamente à vida e às atividades sociais dos mais diversos tipos, o estilo torna-se parte fundamental nesses processos de relativa estabilidade do gênero e orientação para a realidade social.

É importante destacar que, quando os estudos bakhtinianos discutem acerca da forma composicional, não estão propondo uma fôrma onde se fazem caber os discursos. A forma composicional de um gênero está ligada a uma forma arquitetônica que dá contornos específicos aos enunciados. Essa arquitetônica envolve, segundo Brait e Pistori (2012, p. 378), o estudo do texto “por suas condições concretas de vida, suas interdependências, suas relações, suas posições dialógicas e valorativas”. Ademais, isso implica entender o estudo dos gêneros do discurso em sua totalidade, observando sua relação intrínseca com

o meio social mais imediato e o mais amplo. Com efeito, compreendemos que os gêneros precisam ser estudados na esteira de suas tradições socioverbais, a fim de que se entendam as relações dialógicas que estabelece com os outros discursos que lhe precedem e que lhe sucedem.

Assim, os gêneros do discurso, no escopo das concepções propostas pelo Círculo, são colocados como meios de compreensão e interação com a realidade e esses meios se organizam como temas nas diferentes esferas da comunicação. A unidade temática de um gênero não pode ser confundida com o assunto, mas precisa ser vista como um elemento que faz parte desse tecido social do qual emerge o gênero. Conforme Medviédev (2012),

o tema transcende sempre a língua. Mais do que isso, o tema não está direcionado para a palavra, tomada de forma isolada, nem para a frase e nem para o período, mas para o todo do enunciado como apresentação discursiva. O que domina o tema é justamente esse todo e suas formas, irreduzíveis a quaisquer formas linguísticas. O tema de uma obra é o tema do todo do enunciado, considerado como determinado ato sócio-histórico. Por conseguinte, o tema é inseparável tanto do todo da situação do enunciado quanto dos elementos linguísticos (MEDVIÉDEV, 2012, p. 196).

Analisando esse trecho, podemos perceber que o tema de um gênero sempre tem origem a partir da vida, das situações sociais nas quais os sujeitos interagem socialmente. Por isso, um tema sempre está ligado a outros temas, sendo inseparável desse elo dialógico na qual ele surge e sendo inseparável também do aspecto temporal e espacial imbricados nesse processo. Por fim, compreendemos o tema para além da sua dimensão linguística, conforme postula Medviédev no trecho destacado. O tema se materializa nos elementos semânticos da língua e que é, portanto, inseparável da dimensão semântica e da dimensão ideológica dos temas sociais que se originam nas esferas da atividade humana.

Nessa perspectiva, o estilo, outra característica que constitui o gênero, também participa desse processo dialógico de movimentação discursiva de temas que orientam o tecido social. O locutor, ao mobilizar determinado gênero, atualiza e ressignifica tanto a forma composicional, dependendo do gênero, quanto a unidade temática com sua posição axiológica. Faraco (2009, p. 137) explica que o Círculo de Bakhtin, em diversas obras, refere-se ao estilo do locutor como um elemento que se constrói a partir de um julgamento social de valor, isto é, “as seleções e escolhas são primordialmente tomadas de posição axiológicas frente à realidade linguística”, considerando uma gama de vozes sociais que avaliam um mesmo objeto.

Percebemos, desse modo, a relação sempre tensa do que é dado (forma com relativa estabilidade do gênero) com o novo (ressignificação axiológica do estilo do locutor) postulado pelas reflexões bakhtinianas. Por isso, discutir a noção de gênero é bastante complexo, já que, de um lado, há o uso da língua que é individual, mas sempre em relação de alteridade e, de outro, os enunciados seguem uma repetibilidade própria de cada gênero que é ao mesmo tempo dinâmica.

Tais relações complexificam o estudo do nosso objeto que se apresenta ao pesquisador de maneira multifacetada e heterogênea. Começamos por destacar a própria designação “mídia” ou “mídias”. Em nosso entendimento, o mais adequado seria utilizar mídias no plural justamente pela natureza da própria esfera que nasce de atos plurais, heterogêneos e que se interpenetram em termos discursivos. Santaella (1992) justifica a adoção da expressão “as mídias”, no feminino plural, a fim de diferenciar da expressão “meios de comunicação”, comumente associada à comunicação de massas.

De acordo com a autora, o plural se aplicaria nesse caso, porque há um fenômeno que não pode deixar de ser considerado: a crescente hibridização da mídia e a formação de redes, fenômeno este denominado de “redes entre as mídias” (Santaella, 1996, p. 4). O plural, nesse sentido, atua justamente para mostrar as “misturas” ocorridas entre os meios, antigos e novos, de comunicação, agora transformados em “redes telemáticas”, expressão usada mais recentemente. Ao enunciarmos “as mídias”, direcionamos nosso olhar às redes midiáticas em sua extensão, redes estas fundamentalmente estabelecidas entre as mídias de telecomunicações. Assim, a ideia de uma rede nos parece interessante – pelas possibilidades metafóricas que oferece – para se pensar os processos de interação nessas esferas.

Tomada como uma teia com vários entrecruzamentos e nós, a palavra “rede” parece figurativizar a ação atual das mídias na sociedade. Além disso, a noção de rede e de mídias no plural parece se coadunar com a noção de ética e de responsabilidade postuladas pelos estudos bakhtinianos, visto que a própria constituição dessa esfera é baseada na complexidade de atos que circulam amplificadamente e que têm potencialidade de recepção ilimitada.

Pensando nesse potencial de teia e de expansão a diferentes instâncias sociais, Charaudeau (2010, p. 19) destaca que a mídia se encontra na “contingência de dirigir-se a um grande número de pessoas, ao maior número, a um número planetário, se possível.”

O autor, então, sublinha que para despertar o interesse e tocar a afetividade do destinatário, a quem se dirige a informação (o conteúdo que é veiculado pela mídia de maneira geral), a mídia distribui as informações de forma que atinja o maior número de pessoas, simplificando conceitos, criando clichês, estereótipos (CHARAUDEAU, 2010, p. 19-20).

Convém ressaltar que o autor francês faz essas considerações tendo como foco o discurso da informação, ou seja, discursos da esfera jornalística. No entanto, podemos ampliar essas reflexões para além desses gêneros e pensar a respeito da relação da mídia com outras esferas, como a religiosa, a jurídica, a pedagógica, entre outras. De acordo com Charaudeau (2010, p. 19-20), a mídia impõe de certa forma o que se constrói do espaço público, uma vez que é a linguagem a mediação necessária no processo de “transmissão”. O autor salienta que “a linguagem não é transparente ao mundo, ela apresenta sua própria opacidade através da qual se constrói uma visão, um sentido particular do mundo”.

Assim, quando a mídia seleciona o que será difundido, se constrói “uma imagem fragmentada do espaço público, uma visão adequada aos objetivos das mídias”. Entendemos que tal fragmentação é adequada, pois, se a mídia tem o objetivo de atingir o maior público possível, é vantagem que apareçam diversificados reflexos da realidade social de maneira que atinja as diversas opiniões, valores, crenças etc. Conclui Charaudeau (2010, p. 20), nessa perspectiva, que a mídia é um “espelho deformante” que mostra a realidade de um mundo deformado, ou seja, fragmentos amplificados, simplificados e/ou estereotipados desse mundo.

As imagens fragmentadas da realidade se apresentam na mídia sob duas lógicas, segundo Charaudeau (2010, p. 21): a “lógica econômica” e a “lógica simbólica”. A primeira lógica faz com que “todo organismo de informação aja como uma empresa, tendo por finalidade fabricar um produto que se define pelo lugar que ocupa no mercado de bens e consumo”; a segunda lógica faz com que “todo o organismo de informação tenha por vocação participar da construção da opinião pública”.

Embora o autor esteja tratando de discursos da informação, podemos compreender também que as esferas religiosa e publicitária, por exemplo, trabalham basicamente, operando essas lógicas de maneira dinâmica: de um lado, há a construção e a propagação de produtos postos ao consumo, e de outro, notamos as nuances da construção e propagação de ideias, valores, opiniões, estereótipos, que, de certa forma, também estão à venda na prateleira junto aos produtos.

Por isso, investigar como esses discursos se constituem eticamente na contemporaneidade possibilita a compreensão dos sujeitos e suas relações valorativas com o mundo e com o outro. Desse modo, as análises, sob perspectiva dialógica, de diferentes enunciados, buscando as relações entre ética, discurso e mídias, mostra a relevância da articulação teórica entre esses três eixos na iluminação de sentidos outros às análises.

METODOLOGIA

Este projeto agrega pesquisas no âmbito da graduação – trabalhos de Iniciação Científica – e no âmbito da Pós-graduação *Stricto Sensu* – trabalhos de Mestrado na área de Estudos da Linguagem da FURG. Estabelecemos parcerias com outras instituições de ensino superior como a PUCRS, em Porto Alegre - RS e a USP, em São Paulo. Além disso, este projeto se vincula ao Grupo de Trabalho Discurso, Trabalho e Ética, inscrito na ANPOLL, o qual tem suas preocupações voltadas aos desafios ético-políticos e teórico-metodológicos das pesquisas na área dos estudos do discurso.

Ao desenvolvermos metodologias de trabalho com diferentes discursos, numa perspectiva dialógica, buscamos o aprofundamento de discussões em torno da formação de pesquisadores críticos e reflexivos na área dos estudos da linguagem, culminando também na formação de professores aptos ao trabalho com leitura e produção de textos, nos distintos níveis da educação.

Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, é oferecida uma orientação de análise que pretende abranger o percurso da interação verbal sem desconsiderar cada elemento do processo complexo da comunicação. Como os signos ideológicos se materializam na movimentação das diversas relações sociais, eles constantemente se veem marcados pelo horizonte social de uma época e de um grupo social determinado (VOLOCHINOV, 2017).

Por isso, a primeira consideração metodológica é não dissociar a materialidade do signo da sua ideologia, localizando-o no campo discursivo em que o signo aparece enunciado. A segunda orientação é não observar o signo fora das formas concretas da comunicação social, ou seja, deve-se analisar o signo no contexto concreto do gênero discursivo mobilizado, uma vez que o signo ideológico não tem sentido fora desse sistema comunicacional. Na terceira e última proposta metodológica de análise, o pensador russo

orienta o pesquisador a não desprender o signo e a comunicação de sua base material, ou seja, a materialidade linguística do enunciado (VOLOCHINOV, 2017).

Assim, destacamos que uma metodologia baseada no estudo dialógico do texto se apresentaria como uma proposta de estudo do discurso em suas múltiplas facetas, englobando o verbal e o extraverbal do enunciado concreto. O discurso não seria tomado somente sob uma perspectiva interna ou externa, mas na amplitude do “diálogo”, o que nos permite pensar que essa reflexão teórica teria uma visão de linguagem em diferentes semioses, engendradas em variadas interações dialógicas entre os sujeitos.

No que se refere à aplicabilidade da metodologia bakhtiniana aos discursos midiáticos, primeiramente definimos que precisa haver o reconhecimento de que a mídia é uma esfera de produção e circulação de diferentes discursos, isto significa dizer que a mídia abarca diversas práticas sociais languageiras.

Além disso, é necessário levar em conta os aspectos históricos que envolvem esses discursos, localizando –os no tempo e no espaço, a fim de que se compreenda a construção dialógica dos sentidos. Para tanto, destacamos possíveis caminhos de trabalho:

- Contextualização do discurso em análise no interior da esfera midiática, considerando suas especificidades de produção, circulação e recepção;
- Compreensão da esfera midiática como esfera englobante em o diálogo com outras esferas da atividade humana;
- Contextualização sobre conteúdo temático envolvido no discurso, observando o diálogo social mais ou menos amplo, no pequeno e no grande tempo;

No que tange à análise dos gêneros discursivos fomentada pelos filósofos russos, na metodologia proposta em *Marxismo e filosofia da linguagem*, destacamos que há muitos trabalhos que trazem a noção de gêneros discursivos em aplicações didáticas.

No entanto, é preciso prestar atenção ao trabalho com os gêneros numa visão bakhtiniana, percebendo que é necessário ultrapassar a busca por classificações e abstrações. Propomos, enfim, neste projeto, um trabalho que:

- Promova a reflexão acerca do funcionamento do gênero nas práticas sociais;
- Ofereça mecanismos de apreensão das características do gênero envolvido, observando-se a tensão entre dinamicidade e relativa estabilidade;

- Aborde a importância dos dispositivos de encenação na construção dos sentidos dos gêneros discursivos midiáticos;

No que concerne ao estudo do aspecto linguístico do enunciado, enfatizo também que minha proposta transcende os exercícios classificatórios, priorizando um estudo da funcionalidade dos signos (verbais e não-verbais) no diálogo (in)tenso com outros signos. Nos discursos midiáticos, há uma notável riqueza desses signos, caracterizados por um múltiplo sincretismo, o que nos coloca o desafio de compreender as avaliações sociais em jogo.

Por isso, propomos elaborações que:

- Analisem a construção linguístico-discursiva, destacando a relação entre os signos e o engendramento ao gênero e ao dispositivo;
- Observem os valores sociais emergidos a partir das escolhas estilísticas do locutor;
- Considerem essas escolhas associando-as à validade das fontes, à sua inteligibilidade junto ao interlocutor e ao grau de impacto de circulação e adesão do público em relação ao “efeito de verdade”.

As pesquisas abarcadas por este projeto se pretendem qualitativas de cunho bibliográfico, por isso, diferentes atividades de leitura serão propostas, estabelecendo-se momentos de trabalho, envolvendo a participação ativa e responsiva de alunos e professores voluntários no projeto.

Tais momentos estão separados por uma necessidade metodológica que exige um plano de trabalho, visto que na prática docente as atividades são complexas e exigem, muitas vezes, a reorganização das etapas, bem como a concomitância de execução em algumas situações de trabalho.

1º momento) atividades em grupo de leituras teóricas dirigidas

- a) Estudo das obras do Círculo de Bakhtin, perscrutando diferentes conceitos que contribuam para o aprofundamento das reflexões sobre ética, discurso e mídias;
- b) Intersecção entre os estudos dialógicos e os estudos do campo das mídias, produzindo material teórico e metodológico que ilumine as propostas de análise;

2º momento) práticas de análise de textos midiáticos em grupo

- a) Seleção e coleta de discursos das mídias;
- b) Análise dos discursos seguindo orientações metodológicas postuladas nas obras do Círculo, considerando as especificidades dos objetos em foco;
- c) Discussões dessas análises em grupo.

3º momento) produções intelectuais, divulgações dos resultados e diálogo com os pares

- a) Produção de artigos para revistas científicas da área de Letras, divulgando os resultados das análises e das discussões em grupo;
- b) Participação em eventos nacionais e internacionais da área de Letras e de áreas afins como a Comunicação Social e Filosofia, por exemplo;
- c) Promoção de atividades de extensão como oficinas, colóquios, palestras que envolvam alunos da graduação e da pós-graduação.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Apontamentos de 1970 - 1971. In: _____. Estética da criação verbal [1979] Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. Os gêneros do discurso (1952-1953). In: _____. Estética da criação verbal [1979]. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. Para uma filosofia do ato [1920/1924]. Trad. Carlos Alberto Faraco e Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BRAIT, B. Perspectiva dialógica. In: BRAIT, B. & SOUZA-e-SILVA, C. (org.). Texto ou discurso? São Paulo: Contexto, 2012.

BRAIT, B. PISTORI, M. H. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo. In Alfa, n. 56, p. 371 – 401, jul/dez, 2012.

CHARAUDEAU, P. Discurso das Mídias. Trad. Angela S. M. Correa. São Paulo: contexto, 2010.

FARACO, Carlos Alberto. Linguagem & diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GRILLO, Sheila. Esfera e campo. In: BRAIT, Beth (Org.). Bakhtin: outros conceitos-chave. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 133-160.

MEDVIÉDEV, P. N. O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

RIBEIRO, K. A polêmica de vozes no discurso da campanha Rasgue o verbo. In Revista Ação midiática. Curitiba, n.13, p. 119-138, Jan./Jun. 2017.

_____. A produtividade do conceito de discurso bivocal no contexto do culto televisivo Show da Fé. In Revista Letrônica. Porto Alegre, v. 11, p. 68-82, 2018.

_____. A construção da polêmica em ilustrações de Carol Rossetti: enfoque dialógico. In Intersecções. Revista de Estudos sobre Práticas Discursivas e Textuais, v. 12, p. 7-26, 2019.

SANTAELLA, L. A assinatura das coisas. Peirce e a literatura. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

_____. Cultura das mídias. São Paulo: Experimento, 1996.

VOLOCHINOV, V. N. Marxismo e Filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.